

Revista Brasileira de Ciências Humanas

Data de aceite: 31/07/2025

ACOLHIMENTO E PERMANÊNCIA: PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS PARA REDUZIR A EVASÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Cleyde Nunes Pereira de Carvalho

Me. Educação pela Universidade Estadual
do Mato Grosso do Sul (UEMS)

Docente da Educação Básica da Secretaria
de Estado de Educação (Seduc/MT)

Gestora de Formação da Diretoria
Regional de Educação (DRE) Juína-MT



Todo o conteúdo desta revista está
licenciado sob a Licença Creative
Commons Atribuição 4.0 Interna-
cional (CC BY 4.0).

Resumo: Este artigo apresenta uma análise da importância do acolhimento como estratégia fundamental para a permanência dos estudantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A experiência pedagógica desenvolvida no âmbito da EJA ocorreu na Escola Estadual Ewaldo Meyer Roderjan, localizada no município de Brasnorte, Estado de Mato Grosso, ao longo do ano letivo de 2024. A partir da implementação de práticas pedagógicas contextualizadas e ações voltadas à valorização dos estudantes — com foco especial no público feminino —, foi possível observar uma redução significativa na evasão escolar. Entre as estratégias adotadas, destaca-se a aplicação de um questionário sobre a trajetória educacional dos discentes, além de atividades voltadas à elevação da autoestima e ao fortalecimento dos vínculos afetivos. Os resultados demonstram que o acolhimento diário, aliado a práticas pedagógicas sensíveis e contextualizadas, tem papel determinante na permanência e no sucesso escolar dos estudantes da EJA.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Acolhimento escolar; Permanência; Autoestima; Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi instituída legalmente como modalidade de ensino no Brasil com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996. Contudo, sua origem remonta do período colonial, quando os jesuítas alfabetizavam os indígenas, objetivando catequizá-los. (Hoornaert, 1995).

Foram muitos anos de luta até que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) fosse consolidada como um direito educacional e um importante instrumento de inclusão social. Esse fortalecimento ganhou impulso sobretudo a partir de mudanças legais e políticas públicas, como a Lei nº 12.796/2013, que destacou a necessidade de qualificação específica dos docentes para atuar nessa modalidade.

Apesar dos avanços, a EJA ainda enfrenta desafios significativos no que se refere à evasão escolar. Fatores como condições socioeconômicas adversas, exigências laborais, responsabilidades familiares, questões emocionais e ausência de políticas de permanência comprometem o acesso contínuo e o sucesso escolar dos discentes.

Nesse cenário, este artigo objetiva apresentar a experiência da Escola Estadual Ewaldo Meyer Roderjan, localizada no município de Brasnorte, ocorrida no ano de 2024, ao implementar práticas pedagógicas contextualizadas que promoveram o acolhimento diário como eixo estruturante da permanência na EJA.

Foi uma experiência exitosa, marcada pela redução da evasão e pelo aumento significativo da motivação dos estudantes. A proposta demonstrou que, quando a EJA é conduzida com metodologias adequadas, respeito às vivências dos alunos e incentivo à participação ativa, o aprendizado se torna mais significativo e o vínculo com a escola se fortalece, contribuindo para a permanência e o sucesso educacional desses sujeitos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade educacional que, historicamente, vem sendo marcada por contextos de desigualdade e exclusão social. Segundo Arroyo (2017), os sujeitos da EJA têm suas trajetórias atravessadas por múltiplas vulnerabilidades e interrupções escolares, fruto de um sistema educacional que muitas vezes os marginaliza. Assim, a permanência escolar não depende exclusivamente de fatores estruturais, mas de vínculos afetivos, reconhecimento social e da ressignificação da escola como um espaço de pertencimento e acolhimento.

Freire (1996) reforça que educar é muito mais do que transmitir conteúdos: trata-se de um compromisso com a transformação da realidade. Em suas palavras: “Ninguém educa

ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1996, p. 67). Para o autor, a escuta e o diálogo são pilares fundamentais na construção de um processo educativo verdadeiramente humanizador, sobretudo na EJA, onde os sujeitos trazem consigo ricas experiências de vida que devem ser valorizadas pedagogicamente.

O acolhimento, nesse contexto, torna-se um elemento essencial da prática docente. De acordo com Soares (2002), essa prática se configura como uma atitude pedagógica inclusiva, que se ancora na escuta, no respeito e na valorização mútua entre educadores e educandos. Laffin (2007) aprofunda essa ideia ao afirmar que *“a docência na EJA exige ações intencionais de acolhimento, que reconheçam as trajetórias de vida dos educandos e promovam um ambiente de reciprocidade, essencial para a construção do conhecimento”* (p. 103). Ou seja, o acolhimento não é um gesto assistencialista, mas uma estratégia didático-pedagógica que impulsiona a aprendizagem e a permanência escolar.

Além disso, Ribeiro (2019) observa que a evasão na EJA decorre, muitas vezes, da ausência de políticas e práticas pedagógicas sensíveis às particularidades de seus sujeitos. Para o autor, *“é fundamental que as escolas criem estratégias de permanência que estejam alinhadas aos sonhos e às necessidades dos educandos, promovendo reconhecimento, segurança e pertencimento”* (Ribeiro, 2019, p. 112). Isso implica pensar o currículo de forma contextualizada e afetiva, valorizando os saberes prévios e os projetos de vida dos estudantes.

Gadotti (2005) contribui com essa perspectiva ao afirmar que a EJA é uma ferramenta imprescindível para a democratização do acesso à educação e para a consolidação de uma sociedade mais justa. Como pontua: *“A educação de jovens e adultos é um direito fundamental e um instrumento de inclusão social*

e cidadania” (Gadotti, 2005, p. 15). A presença ativa do educador, seu olhar atento e sua disposição para acolher tornam-se, portanto, fundamentais para garantir não apenas o acesso, mas sobretudo a permanência e o sucesso escolar desses sujeitos.

Compreender o acolhimento como prática diária e intencional na EJA é, portanto, reconhecer que a aprendizagem só acontece quando o estudante se sente respeitado, escutado e motivado. Essa prática, mais do que um gesto afetivo, representa uma postura ética e política em favor de uma educação libertadora e transformadora.

A EJA NA ESCOLA ESTADUAL EWALDO MEYER RODERJAN: DESAFIOS E DIAGNÓSTICO INICIAL

Em 2024, a EJA foi ofertada no período noturno com duas turmas multisseriadas¹, uma de Ensino Fundamental e outra de Médio. Os docentes, ao qual eu me incluía, ainda que experientes no ensino regular, demonstravam preocupação com a recorrente evasão dos anos anteriores. Logo no início do ano letivo, durante uma dinâmica de apresentação, observei o entusiasmo inicial dos alunos contrastando com o medo de não concluir o ano — temor esse reiterado por relatos de abandono recorrente.

Diante dessa realidade, a necessidade de conhecer as trajetórias de vida dos estudantes se impôs como elemento fundamental para a prática pedagógica. A heterogeneidade do grupo — com variadas idades, contextos familiares, ocupações e experiências escolares — exigia sensibilidade e flexibilidade no planejamento e na execução das ações educativas.

Nesse sentido, tornou-se fundamental conhecer melhor a turma, seus anseios e projetos de vida. Como professora do componente

¹ Turmas multisseriadas são aquelas em que estudantes de diferentes idades e séries escolares, numa etapa específica da Educação Básica (Ensino Fundamental ou Ensino Médio), estudam na mesma sala de aula, sob a regência de um ou mais professores.

curricular Projeto de Vida, elaborei um questionário com perguntas abertas, voltadas aos desejos pessoais e profissionais dos estudantes. Após a aplicação, tabulei os dados e compartilhei os resultados com a turma, de forma anônima, promovendo reflexões e incentivando cada um a acreditar em seus próprios sonhos. Reforcei, sempre, que a conclusão dos estudos é uma etapa essencial para que esses sonhos possam se concretizar.

A análise dos questionários revelou que as mulheres enfrentavam desafios ainda maiores para conciliar os estudos, principalmente em razão da dupla jornada de trabalho — em casa e fora dela. Somava-se a isso a responsabilidade pelo cuidado dos filhos e, em muitos casos, de entes queridos acamados, tarefas que recaem majoritariamente sobre elas. Diante desse cenário, decidi desenvolver um projeto específico voltado para essas estudantes, buscando apoiá-las em suas trajetórias escolares.

MULHERES DA EJA: PROTAGONISMO E ESCUTA ATIVA

Identificando a predominância do público feminino nas turmas, bem como os seus desafios para a permanência na escola, propus o projeto “Mulheres da EJA”, iniciado com a preparação de uma apresentação musical em homenagem ao Dia Internacional da Mulher. Paralelamente, apliquei um questionário estruturado com perguntas sobre o estado civil, número de filhos, ocupação, motivo da interrupção e retorno aos estudos, e o sonho de vida de cada estudante.

A escolha da música foi feita pelas estudantes, pois sei que há mais engajamento quando a escolha parte dos alunos. Optaram pela canção “Dona de mim” interpretada pela cantora Isa. A música exalta a força individual que se reflete na força coletiva. A música é um convite para que cada mulher, especialmente as mulheres negras, reconheça seu valor, honre suas origens e siga firme em seus objetivos — sempre em busca da autonomia sobre suas vidas.

Os ensaios foram momentos de empoderamento, relaxamento e de descoberta de talentos musicais. Fiquei refletindo sobre como seria transformador se cada pessoa tivesse a oportunidade de reconhecer e desenvolver seu talento, podendo até viver dele. Algumas mulheres demonstravam grande potencial artístico, mas muitos desses dons estavam ocultos pelas marcas de dificuldades pessoais e pelas adversidades que enfrentavam no dia a dia.

A apresentação da música foi emocionante e se transformou em um verdadeiro momento de superação para aquelas mulheres, que, mesmo marcadas pela baixa autoestima, puderam se reconhecer como protagonistas de suas próprias histórias.

No que diz respeito ao questionário respondido pelas estudantes, organizamos um mural intitulado “Mulheres da EJA”, no qual reunimos um resumo impresso de cada história. O mural destacava os motivos que levaram cada uma a interromper os estudos, as razões que as motivaram a retornar e, sobretudo, o maior sonho que cada mulher alimenta para sua vida. Esse espaço se tornou um símbolo de valorização de suas trajetórias e de inspiração para toda a turma.

Cabe destacar que 17 mulheres participaram do projeto. Dentre elas, 12 eram casadas, quatro solteiras e uma divorciada; além disso, 11 eram mães. Esses dados evidenciam a diversidade de histórias e responsabilidades que cada uma carrega em sua trajetória de retorno aos estudos.

As ocupações de trabalho dessas mulheres revelaram vínculos majoritários com o setor de serviços e com atividades informais, como trabalho doméstico, cuidadoras, e serviços gerais. Essa realidade evidencia não apenas a sobrecarga enfrentada por elas, que precisam conciliar múltiplas jornadas, mas também as limitações de acesso a empregos formais e mais bem remunerados, muitas vezes condicionadas pela baixa escolaridade e pelas de-

sigualdades de gênero. Essa condição reforça a importância da EJA como oportunidade de qualificação e de ampliação de possibilidades profissionais.

Já os motivos para a evasão escolar na infância e juventude, incluíram gravidez, trabalho, responsabilidades familiares, desânimo, depressão e imposições familiares, como a negativa paterna ao estudo.

Esses relatos revelam como a trajetória escolar de muitas mulheres foi interrompida não apenas por questões individuais, mas por um contexto social e cultural que naturaliza o sacrifício da educação feminina em favor das obrigações familiares ou da submissão a normas patriarcais. Essa realidade evidencia a importância de políticas públicas que não apenas ampliem o acesso à educação, mas que também enfrentem as desigualdades de gênero, proporcionando condições efetivas de permanência e conclusão dos estudos.

Em contrapartida, o retorno à escola foi motivado principalmente pelos sonhos profissionais e pessoais das estudantes. Muitas expressaram o desejo de alcançar melhores oportunidades de trabalho, garantir um futuro mais promissor para seus filhos e realizar o sonho de ingressar no ensino superior. Dentre os cursos mais citados estavam Enfermagem, Direito, Medicina e Agronomia, o que revela não apenas o anseio por ascensão social, mas também um desejo de transformação pessoal e de superação dos limites impostos pela desigualdade social e educacional.

Esses relatos evidenciam o quanto o retorno aos estudos, especialmente na EJA, está profundamente vinculado a projetos de vida que extrapolam o ambiente escolar, conectando-se às expectativas de mobilidade social, autonomia e reconhecimento. Por isso, torna-se imprescindível que a escola desenvolva estratégias pedagógicas que reforcem a autoestima, valorizem as experiências de vida dos

estudantes e deem um novo significado à trajetória escolar. A construção de um ambiente de pertencimento, respeito e acolhimento é fundamental para que esses sujeitos não apenas permaneçam na escola, mas se sintam motivados a concluir essa etapa como parte de um projeto maior de vida e cidadania.

PRÁTICAS DE ACOLHIMENTO E VALORIZAÇÃO

Na EJA, o segundo semestre letivo representa um período particularmente desafiador para a permanência dos estudantes na escola. Nessa etapa do ano, muitos discentes demonstram sinais de maior cansaço e apresentam crescente preocupação em dedicar-se a atividades laborais, com o intuito de complementar a renda familiar, especialmente para atender às demandas financeiras típicas do final de ano.

Nesse contexto, foi necessário elaborar uma nova estratégia de acolhimento com o objetivo de fortalecer o vínculo dos estudantes com a escola e minimizar os índices de evasão. Para isso, organizamos uma atividade de confraternização junto à turma, envolvendo música, socialização e partilha de alimentos, em um ambiente descontraído e afetivo. A iniciativa buscou criar um espaço de integração e valorização dos vínculos interpessoais, reconhecendo a importância do convívio social como fator de permanência na EJA.

Além disso, criamos um mural intitulado “Os Vitoriosos e as Vitoriosas da EJA”, com fotos dos alunos em momentos de estudo, apresentações e confraternizações. Esse mural funcionava como reforço positivo, especialmente nos momentos em que algum discente manifestava vontade de desistir.

Além disso, os estudantes foram inseridos em plataformas tecnológicas educacionais, como o Mais Inglês² e a Plataforma Plurall³

² O Mais Inglês é um programa do Governo do Estado de Mato Grosso que, por meio da Seduc-MT, tem o objetivo de aperfeiçoar e potencializar o ensino da língua inglesa na rede pública estadual.

³ O Plurall é a plataforma digital da SOMOS Educação que integra professores, alunos, gestores escolares e famílias, oferecendo

o que, apesar de desafiador, promoveu sentimento de inclusão digital. As atividades foram pensadas a partir de seus contextos e interesses, fortalecendo o vínculo com o conteúdo escolar. O constante incentivo verbal, o respeito às suas realidades e a valorização de suas conquistas cotidianas contribuíram significativamente para o aumento da frequência e da participação.

Ao final do ano letivo de 2024, observamos um resultado significativo: as duas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) se mantiveram fortalecidas, com índices de evasão consideravelmente baixos em comparação aos anos anteriores. Essa conquista evidencia que as estratégias adotadas, pautadas no acolhimento, na escuta ativa e na valorização das vivências dos estudantes, foram determinantes para o fortalecimento dos vínculos escolares. Além disso, reforça a importância de práticas pedagógicas que considerem as especificidades do público da EJA, promovendo não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o pertencimento e o sentido de continuidade nos estudos.

Esses resultados demonstram que, quando a escola se organiza de forma sensível e propositiva, é possível transformar trajetórias educacionais e reduzir as barreiras que historicamente marcam o percurso dos estudantes jovens e adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada na Escola Estadual Ewaldo Meyer Roderjan, em 2024, reafirma que o acolhimento, quando compreendido como prática pedagógica, intencional, constitui um caminho eficaz para enfrentar os desafios históricos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente no que se refere à evasão escolar.

Ao investir em estratégias que valorizam a escuta, o respeito às trajetórias de vida dos estudantes e o fortalecimento dos vínculos afetivos, foi possível não apenas reduzir os índices de abandono, mas também ressignificar o espaço escolar como um ambiente de pertencimento, respeito e possibilidades.

Os resultados alcançados demonstram que práticas simples, mas profundamente humanizadoras, como momentos de confraternização, valorização das conquistas dos estudantes e o uso de ferramentas digitais acessíveis, podem transformar o cotidiano escolar e contribuir para a construção de um percurso educativo mais consistente e significativo.

Além disso, o protagonismo das mulheres na EJA, evidenciado pelo projeto desenvolvido, aponta para a necessidade urgente de políticas públicas e ações pedagógicas que considerem as especificidades de gênero, promovendo equidade de oportunidades e condições reais de permanência para as estudantes.

Assim, o acolhimento na EJA não deve ser visto como um complemento à prática pedagógica, mas como um princípio estruturante que orienta o fazer educativo. Promover o acolhimento é, antes de tudo, um compromisso ético e político com a democratização do acesso, da permanência e do sucesso escolar de sujeitos historicamente marginalizados pelo sistema educacional.

Por fim, que essa experiência possa inspirar outras iniciativas e fortalecer a defesa de uma educação pública, de qualidade e verdadeiramente inclusiva para todos os jovens, adultos e idosos que buscam, na escola, uma nova chance de aprender e transformar suas vidas.

conteúdos e ferramentas para apoiar o ensino e a gestão pedagógica. No estado de Mato Grosso, a plataforma é amplamente utilizada pela Secretaria de Estado de Educação (SEDUC-MT).

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 18 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394/1996, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 5 de abr. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm. Acesso em: 18 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.

HOORNAERT, Eduardo. *História da alfabetização*. São Paulo: Contexto, 1995.

IZA. *Dona de mim*. YouTube, 28 set. 2018. https://www.youtube.com/watch?v=FnGfgb_YNE8. Acesso em: 28 jul. 2025.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. O educador de jovens e adultos: formação e prática pedagógica. In: ARROYO, Miguel González; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2007. P. 101-105.

RIBEIRO, Betânia Leite. Permanência na EJA: entre políticas públicas e práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 24, e240063, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/K4pKk7VfHPFjvJNCdfPwzFh/?lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2025.

SOARES, Leôncio. A educação de jovens e adultos como direito de cidadania. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 5-18, jan./abr. 2002.

ANEXOS



Imagem 1. Estudantes da EJA do Ensino Médio



Imagem 2. Estudantes da EJA do Ensino Fundamental



Imagem 3. Confraternização com estudantes da EJA

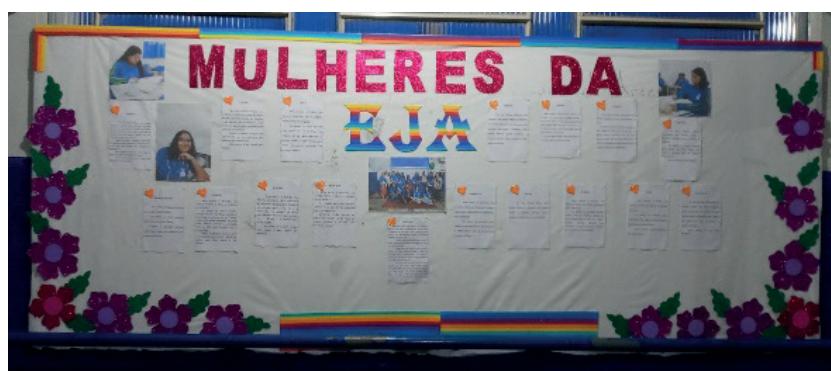


Imagem 4. Mural do Projeto Mulheres da EJA



Imagem 5. Formatura estudantes da EJA